

A RECEITA que mudou Eduardo

A profissão de padeiro deu estabilidade a Maciel, que agora tem salário e carteira assinada. Ele está satisfeito com o emprego fixo, mas reclama da ausência de lazer em São Sebastião e da falta de vagas em cursos supletivos

DANIELLE ROMANI

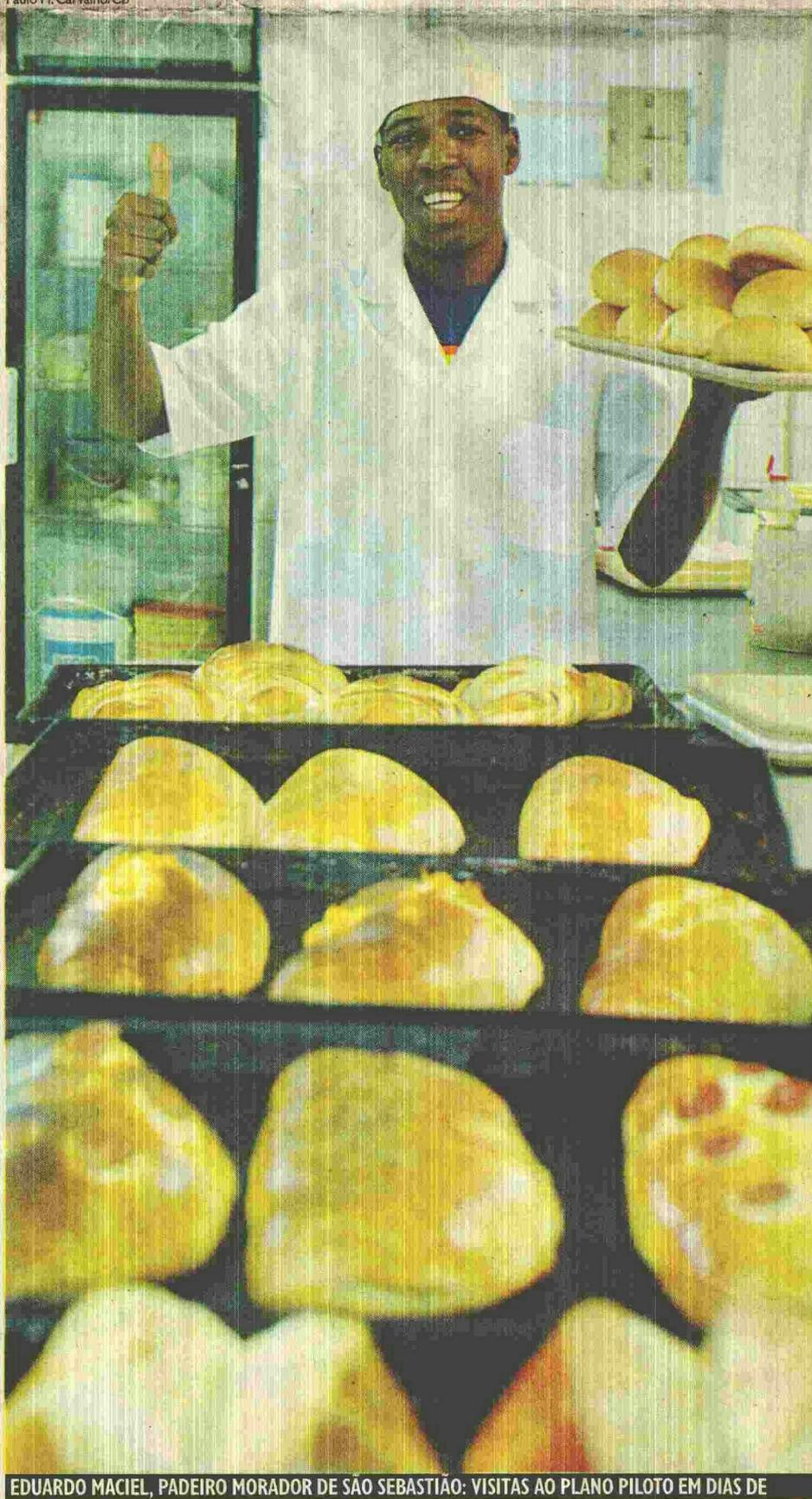
DA EQUIPE DO CORREIO

Ele bota, literalmente, a mão na massa. Todos os dias, das 7h às 15h, produz cerca de 900 pãezinhos e outras centenas de iguarias apetitosas. Baguetes, torteletas salgadas e doces, pães de queijo, coxinhas, rissoles. Um arsenal de gostosuras que consomem cerca de 30 kg de farinha por dia. É um bocado de suor.

“Acordo às 5h para estar aqui às 7h. Trabalhamos muito, sentimos muito calor junto aos fornos. Mas o ofício de padeiro é uma bênção, pois é garantia de emprego”, diz o profissional. Há cerca de mil estabelecimentos em funcionamento no Distrito Federal, dos quais, segundo informa o Sindicato das Indústrias de Alimentação, somente 300 encontram-se filiados. Em cada um deles, são necessários, pelo menos, três profissionais. A panificadora onde Eduardo trabalha tem exatamente essa quantidade. “Sou o que ganho menos. Mas desde que aprendi a função, jamais fiquei sem trabalho”, comemora Eduardo Maciel dos Santos, 25 anos, natural de Taguatinga, onde passou a infância solto nas ruas, brincando de pique-pega, bete e outras estripulias típicas da garotada.

Filho de mecânico e dona-de-casa, teve uma infância feliz, mas pobre. “Vivíamos no limite, dia tinha, dia não. Mas na minha memória, o que marcou o período foram as brincadeiras na rua”, conta Eduardo, que atualmente contabiliza a quinta experiência profissional como padeiro, e pela primeira vez na vida tem a carteira de trabalho assinada. “É um alívio poder contar com os direitos trabalhistas, ter tudo certinho, pagamento garantido. Ganho R\$ 430 por mês, o que é pouco. Mas dá para ajudar minha família. Agora tenho que correr atrás de outras coisas. Entre elas, completar os estudos”, pondera o rapaz, que estudou até a 7ª série do ensino fundamental e reclama da falta de vagas para adultos nas escolas brasileiras.

“Há mais de dois anos tento me matricular num curso supletivo e escuto sempre a mesma desculpa: as salas estão com o dobro de alunos. Não existem vagas. Você tem que esperar. Enquanto isso não acontece, vou me segurando no



EDUARDO MACIEL, PADEIRO MORADOR DE SÃO SEBASTIÃO: VISITAS AO PLANO PILOTO EM DIAS DE

ofício de padeiro”, conforma-se Eduardo, que sonha em cursar comunicação e que pretende, num futuro breve, trabalhar como radialista. “Sou muito comunicativo”, orgulha-se.

prer livros, mas o que ganho vou trocando nas lojas de usados. Quando tiver dinheiro, vou ter uma biblioteca com tudo que gosto”, finaliza Eduardo.

Se hoje está empregado, ressalta que o investimento foi feito pelo governo de Minas Gerais, que lhe possibilitou fazer o curso profissionalizante para padeiro. “Há alguns anos meus pais se separaram e fui com minha mãe morar no interior de Minas. O curso foi gratuito e durou seis meses. Lá existem escolas, chances de especialização, mas não teve jeito: minha meta sempre foi voltar. Sentia saudades do Distrito Federal, de Brasília, de São Sebastião, onde moro atualmente com meus tios. Minha família toda ficou lá.”

São Sebastião, a partir da adolescência, tornou-se a referência de Eduardo que, no entanto, reclama da violência e da falta de opções de lazer para os jovens da comunidade. “A cidade era um paraíso: a gente sempre saía para curtir umas festas de forró, e por toda parte tinha polícia de bicicleta, patrulha, cavalaria. Agora está uma violência de dar medo. Damos conta somente de jogar uma partida de futebol, no comecinho da noite. Sair e voltar de madrugada, nem pensar”, desabafa.

Nos dias de folga, sempre aos sábados, vem para Brasília, percorrer feiras, visitar a Esplanada, assistir a shows, passear no Parque da Cidade, ir ao cinema, encontrar amigos. Nesses dias e sempre nos intervalos do trabalho, no trajeto entre o Plano Piloto e São Sebastião, além das noites que fica em casa, entrega-se à maior paixão: a leitura. “Leio sempre que possível. Estou acabando agora *As viagens de Gulliver*, de Jonathan Swift. Não tenho dinheiro para comprar

ONDE NASCEU

Hospital Regional de Taguatinga

ORIGEM FAMILIAR

Pai e mãe mineiros

LEMBRANÇA DE INFÂNCIA

“Das brincadeiras nas ruas de Taguatinga com os irmãos”

O QUE GOSTA EM BRASÍLIA

Torre de TV. “Tem muito show, comidas típicas, tudo é bonito e animado”